

# MICRO CRÉDITO

BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE DIREITO AO CRÉDITO

## Assembleia a 15 de Março

A Assembleia Geral da ANDC reuniu a 11 de Janeiro de 2001, num momento de alguma perturbação da vida da nossa Associação. Sem nada saber sobre o futuro do apoio que temos vindo a receber do IEFP e perante o atraso nas transferências dos financiamentos relativos ao ano 2000, a Direcção enviou aos sócios explicações detalhadas sobre a situação criada. Nessa comunicação foi também posta a hipótese de congelarmos a nossa actividade, reduzindo-a ao mínimo que temos capacidade para custear por nós próprios. Mais de três dezenas de sócios compareceram na Assembleia. Felizmente, na tarde do próprio dia em que a A.G. teve lugar, um encontro com o secretário de Estado do Emprego e Formação e com o presidente do IEFP permitiu assentar as bases do relacionamento futuro da Associação com o Instituto. Embora ainda esteja por assinar o Acordo que traduzirá esse entendimento, a ANDC pode agora procurar financiamento não só junto dos seus sócios, como junto da banca, para continuar a trabalhar, pagando esse crédito com os fundos que irá receber do IEFP.

Para dar tempo à Direcção de digerir os novos dados e apresentar, em função deles, um novo plano de actividades para 2001, ficou marcada nova Assembleia Geral para dia 15 de Março. Não faltes! ▼

BALANÇO DO ANO 2000

## Mais

# 62

## empréstimos concedidos

AO LONGO DO ANO 2000 MAIS 62 PESSOAS RECEBERAM microcréditos para iniciarem (ou reforçarem) uma actividade económica própria. O crédito total concedido, via ANDC, ascendeu a 47.159.800\$00 e traduziu-se na criação de 94 postos de trabalho. Durante o ano passado, um pouco mais de 40 Instituições Locais indicaram-nos potenciais beneficiários e 50 pessoas desempenharam funções de animadores locais, acompanhando o arranque dos negócios dos beneficiários do crédito. Ao todo, desde que iniciámos a nossa actividade em meados de 1999, já 64 pessoas assumiram tarefas de animador local.

Em todas estas áreas a nossa experiência vai crescendo e, apesar dos sobressaltos que temos vivido (ver texto na coluna desta página), vamos percebendo onde estão as nossas debilidades e quais são os pontos fortes da nossa actuação.

O facto de termos passado de 25 empréstimos (em 1999) para 62 (em 2000) - um crescimento de 248% - e de 15.637 contos de crédito total concedido em 1999, para 47.160 contos em 2000 - um crescimento de 302% - não deve criar-nos ilusões sobre o futuro. Temos ainda muito que melhorar ao nível das nossas metodologias de trabalho. O microcrédito ainda é pouco conhecido em Portugal e muito há a fazer para que notícias da sua existência cheguem aos cidadãos mais pobres que podem utilizá-lo como alavan-

ca para saírem da sua situação de exclusão. Os subsídios e os apoios a fundo perdido continuam a ser mais procurados por este tipo de população e são manejados com maior facilidade pelos técnicos e voluntários para eles trabalham.

Mas, em todo o caso, 2000 representou, sem dúvida, um grande salto em frente na vida da nossa Associação. Em parte, graças à excelente relação com o BC-P-Nova Rede: os responsáveis mais directos no banco pelas operações de microcrédito dedicaram o melhor dos seus esforços para que todos os obstáculos ao funcionamento do nosso acordo fossem sendo superados. Em parte, graças ao envolvimento de muitos sócios na vida da Associação: 18 desempenharam funções de Animadores Locais e de diversos modos outros 26 sócios foram directamente envolvidos na actividade da ANDC - participação na Comissão de Crédito, nos encontros de formação de animadores, em reuniões com a Direcção, em representação externa da Associação, etc... Quer isto dizer que cerca de um em cada quatro sócios esteve activamente envolvido no trabalho da ANDC em 2000. Ao terminar o ano éramos 201 sócios e tínhamos acrescido 1.527 contos ao nosso "fundo de garantia" que agora ascende a 5.788 contos.

Foi o ano 2000. Agora vamos ao milénio! ▼



# Juntos para uma economia plural

**DIVULGAR** o microcrédito e mostrar a todo o tipo de Instituições Locais como podem recorrer à ANDC para apresentarem pessoas a quem um pequeno empréstimo ajudaria a saírem de situações de exclusão tem sido uma das nossas actividades permanentes. De algumas dessas acções de divulgação damos aqui nota.

**NO BAIRRO DA OUTURELA** (região de Lisboa) estivemos por várias vezes desde Agosto, apresentado a ANDC a responsáveis pelo Clube de Jovens, pela UNIVA e pelo Projecto URBAN.

**EM S. PAIO DE OLEIROS** (perto da Feira) apresentámos o microcrédito numa reunião promovida pela responsável do Núcleo Executivo do Rendimento Mínimo Garantido do Concelho de Santa Maria da Feira com várias pessoas ligadas às mais variadas áreas sociais de intervenção no concelho.

**EM PENICHE** reunimos com uma dúzia de técnicos de Instituições Locais na Sede da ADEPE - Associação Para o Desenvolvimento de Peniche. O encontro permitiu apresentarmos o trabalho da nossa Associação e discutir as potencialidades do microcrédito como apoio às pessoas excluídas da região.

**EM VIANA DO CASTELO** no final de Novembro, apresentámos a ANDC às técnicas responsáveis pelo Rendimento Mínimo Garantido do distrito. A reunião decorreu nas instalações da Segurança Social e Viana do Castelo.

O GOVERNO FRANCÊS CRIOU recentemente uma nova Secretaria de Estado da Economia Solidária e o novo secretário de Estado, Guy Hascoet, decidiu organizar nos dias 23 e 24 de Novembro de 2000 um encontro internacional sobre o tema "Juntos para uma Economia Plural". Responderam ao convite várias centenas de pessoas da área da economia social, pública ou privada. Embora a esmagadora maioria dos participantes fossem franceses, estiveram também presentes pessoas vindas de todos os outros quinze da UE.

Pela ANDC, a Joana Veloso foi convidada a participar e a intervir no workshop "Iniciativa Pública e Iniciativa Privada" apresentando as suas ideias sobre esta problemática em Portugal e a sua evolução desde o Estado Novo até à actualidade.

Na sessão plenária de abertura, presidida por Guy Hascoet, Michel Rocard (presidente da Comissão dos Assuntos Sociais do Parlamento Europeu) proferiu uma muito interessante intervenção sobre o papel da "economia solidária" neste mundo em plena globalização.

De resto, o Encontro foi

preenchido quase sempre pelos trabalhos dos vários workshops, tendo terminado com a habitual sessão de conclusões. Em simultâneo com os trabalhos de grupo realizou-se uma reunião informal de ministros na qual Portugal esteve representado pelo Secretário de Estado do Emprego e da Formação Profissional, Paulo Pedroso, e ainda uma reunião do CCMAF (Comité Consultivo das Coo-

perativas, Mútuas, Associações e Fundações) na qual Portugal esteve representado pelo presidente do Instituto António Sérgio, Manuel Canaveira Campos.



perativas, Mútuas, Associações e Fundações) na qual Portugal esteve representado pelo presidente do Instituto António Sérgio, Manuel Canaveira Campos.

O encontro valeu principalmente pelos vários contactos que permitiu, embora a organização não fosse a melhor.

No workshop em que a ANDC esteve presente discutiram-se fundamentalmente as relações entre os organismos oficiais no âmbito do social e as iniciativas das instituições privadas. Os presen-

tes eram sobretudo representantes de IPSS de âmbito local e foram quase sempre muito críticos em relação aos poderes públicos e, sobretudo, às tendências centralizadoras das instituições públicas de âmbito nacional. Estavam também presentes alguns organismos oficiais que, de uma maneira geral, se puseram na defensiva. De notar que as únicas intervenções (do lado francês) onde se apresentaram experiências interessantes de cooperação e de redes de acção no âmbito da economia solidária, vieram de representantes das ilhas - Reunião, Antilhas e Maurícias - onde obviamente a característica local é muito mais forte. Quanto aos não franceses, as suas intervenções foram mais informativas e

menos polémicas sendo de salientar as experiências de redes locais italiana e irlandesa.

A intervenção portuguesa despertou algum interesse, sobretudo quando, ao apresentar algumas experiências inovadoras, se falou da ANDC e do microcrédito. Constatámos, com alguma surpresa, que os presentes não faziam ideia nenhuma do que se tratava - de resto, não estavam presentes neste Encontro nenhum dos nossos já conhecidos activistas europeus do microcrédito. ▼ J.V.

# A Europa ao ritmo do microcrédito

**COMO** sócia da ANIMAR temos participado activamente nas reuniões de preparação da ManiFesta que terá lugar nos últimos dias de Abril de 2001 em Tavira. Para além de ser o grande encontro nacional dos agentes do desenvolvimento local, esta ManiFesta promete. Obrigatório guardar os quatro dias antes do 1 de Maio para participar nesta manifestação-festa. Ver mais informação no "site": <http://www.in-loco.pt/manif/>

O PONTO de vista local sobre a política de emprego esteve em debate no seminário "Acção Local em prol do Emprego" organizado pela Comissão Interministerial para o Emprego e pela Direcção Geral do Emprego e Formação Profissional que teve lugar em Lisboa em meados de Outubro. A ANDC moderou um dos painéis do seminário.

**APRESENTAÇÃO** das experiências com mais de ano e meio de criação de redes sociais locais serviu de base ao Encontro Nacional da Rede Social que se realizou no Estoril no início de Novembro, organizado pelo Instituto para o Desenvolvimento Social e em que a ANDC também participou.

A ANDC apresentou o trabalho que desenvolve em Portugal no encontro "Desenvolvimento Local e Coesão Social" que teve lugar em Chelas (Lisboa) no início de Dezembro.

"NÃO TER EMPREGO, NÃO É SINÓNIMO de não ter ideias, mais pro-saicamente significa apenas não ter meios para as realizar" – foi deste modo sugestivo que Laurent Fabius, ministro francês da Economia, Finanças e Indústria, se dirigiu dia 11 de Dezembro a mais de duas centenas de representantes de organizações de microcrédito na abertura da conferência europeia realizada em Paris no âmbito da presidência francesa da UE.

Foi o "pontapé de saída" para dois dias de apresentação de experiências, debates e contactos entre pessoas que em todo o continente – desde Portugal à Rússia, passando pelos novos países do Leste Europeu – lideram os mais diversos tipos de organizações de concessão de microcrédito.

Graças à condução de Maria Nowak – a criadora da ADIE (ver Boletim nº 5) e verdadeiro "motor" de toda a conferência – os trabalhos decorreram do modo mais informal possível, ainda que pelos sucessivos painéis passasse uma mão cheia de governantes e ex-governantes franceses, alguns dos banqueiros mais importantes de França, representantes da Comissão e do Parlamento europeus à mistura com activistas do microcrédito. É claro que, para fechar, não faltou Muhamad Yunus o "pai" do Grameen Bank e do microcrédito.

Num desses painéis participou, com o relato da sua experiência e dos seus métodos de trabalho, a ANDC. Além de dois representantes do IDS, a nossa Associação era a única presença portuguesa. Quase todos os activistas com quem temos vindo a

manter contactos ao longo dos últimos anos estavam também em Paris o que originou uma intensa troca de documentação, informações e reflexões que levou a formular como uma das conclusões da conferência a necessidade de realizar anualmente um encontro semelhante à escala do continente.

## Todos diferentes, todos iguais

Hoje em dia são mais de 10 mil as instituições que em todo o mundo concedem micro-empréstimos a perto de 10 milhões e pessoas, totalizando créditos totais superiores a 505 milhões de contos. A sua diversidade não impede que tenham em comum:

- dirigirem-se a uma população de baixos e muito baixos recursos que não tem acesso aos bancos;
- apoiarem essas populações a criarem o seu próprio emprego ou micro-empresas com menos de cinco empregados;
- através de empréstimos de montantes muito pequenos, correspondendo à capacidade de endividamento dessas populações;
- procurando inscreverem-se num projecto económica e financeiramente sustentável.

"Lutar contra a exclusão através da criação de micro-empresas" era o lema da conferência, mas isso não impediu que estivesse sempre presente a afirmação de que o microcrédito se inscreve numa dinâmica que visa o crescimento económico e o emprego. Como recordou Laurent Fabius, as micro-empresas representam 93% do universo total das

empresas e 35% dos empregos na União Europeia; uma em cada duas empresas europeias é uma empresa a título individual; e, em França, um terço das empresas nascentes deve a sua criação a um desempregado.

Números que bastam para reconhecer a importância e o significado do microcrédito como elemento de apoio a esse extraordinário movimento empresarial que, embora pouco falado e ainda menos conhecido, anima as nossas sociedades.

Articular o microcrédito com os dispositivos de protecção social e de luta activa pelo emprego e, por outro lado, com as políticas fiscais e de incentivo à criação de micro-empresas; integrar os custos do acompanhamento deste tipo de micro-empresários nos custos de formação profissional nos quais a UE gasta milhões de Euros todos os dias; garantir que as directivas bancárias da União não impedem as organizações do microcrédito de existirem e de se expandirem; criar a nível europeu instâncias de refinanciamento das organizações nacionais; e inscrever políticas de discriminação positiva face às muito pequenas empresas – foram algumas das conclusões da conferência.

A reunião de Paris valeu também por ter sido uma demonstração da vitalidade do microcrédito em todo o continente e por ter feito convergir representantes de organizações tão diversas num embrião daquilo que poderá ser um movimento organizado a nível europeu para o reconhecimento da importância do microcrédito. ▼ J.W.

# O cimento de uma boa amizade

É O SEGUNDO NEGÓCIO CRIADO EM conjunto por dois beneficiários da ANDC. São duas histórias de vida diferentes e cheias de particularidades, mas com algo em comum. Cruzaram-se muito antes da ANDC intervir e deram origem a um negócio cimentado na amizade. É a história do Manuel Domingues e do Carlos Silva a que uma Instituição Local de Santa Maria da Feira há muito deu a mão.

O Manuel Domingues, 37 anos, casado e com uma filha de 17 anos, começou a trabalhar na empresa de um tio (construção civil) logo após a escolaridade obrigatória. Rapidamente passou do estatuto de servente para se especializar como trolha. Casou com 18 anos e pouco depois iniciou um processo longo e destrutivo de alcoolização do qual se libertou há cerca de cinco anos, graças à pressão decisiva da mulher - "se não fosse ela ainda hoje andava por aí..." - e da ajuda do Grupo dos Alcoólicos Recuperados de S. Paio de Oleiros, Santa Maria da Feira. Procura então reiniciar a sua vida profissional numa outra

empresa de construção civil.

O Carlos Silva, 34 anos, casado e com um filho de 10 anos, iniciou também a sua vida profissional, após a escolaridade obrigatória, numa grande empresa do sector da cortiça. O serviço militar obriga-o a interromper a actividade profissional. Quando regressa casa e volta à empresa, trazendo porém consigo a marca escondida, mas profunda, da toxicodependência. Poucos meses depois nasce o seu filho e, quase em simultâneo, é despedido: as con-

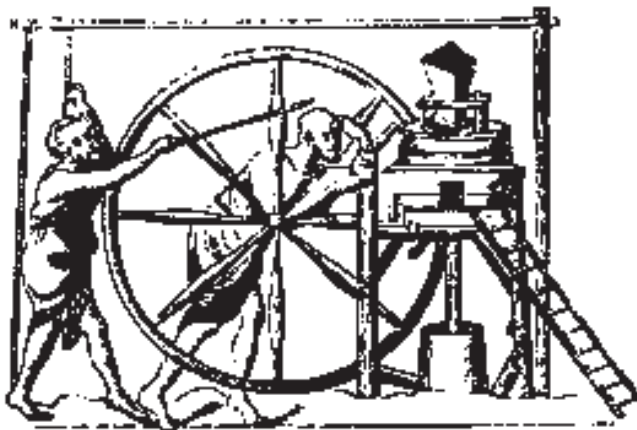
sequências da sua dependência estragavam-lhe a vida .

Surge uma nova experiência profissional que dura cerca de três anos, agora numa empresa da indústria do papel e onde o salário era geralmente pago com droga. Seguem-se anos de "biscates" e trabalho irregular na construção civil. São muitos os dias em que não trabalha: "quem me aturou e suportou a casa foi a minha mulher". Depois de duas desintoxicações falhadas, fez há sete anos uma cura no Hospital de S. Marcos

em Braga de onde sai decidido a recuperar uma livre de drogas para o que conta com a ajuda do mesmo grupo que apoiou o Manuel.

Encontraram-se a trabalhar para o mesmo "patrão", mas mal pagos e sem estatuto reconhecido. Conversando, reconhecem que têm capacidades para avançar com a sua própria empresa de construção civil e iniciam um novo caminho. A empresa tem seis meses, tem clientes e a qualidade do trabalho é reconhecida. Arrancou sem meios e precisa de ser equipada com uma carrinha, uma betoneira e outras ferramentas. O responsável pelo grupo que os apoia tem conhecimento da ANDC e pensa que esta poderá ser a resposta para o ajuda que o Carlos e Manuel necessitam. E assim aconteceu.

Criaram mais três postos de trabalho e pensam, a longo prazo, tender para se transformarem numa média empresa. Contam nesta fase de arranque com o apoio de um animador, Victor Oliveira Sousa, que é um dos primeiros beneficiários da ANDC. ▼ M.B.



## RECOLHA DE FERRO VELHO, PLÁSTICOS E CARTÃO EM MOURA

# Um negócio para defender o ambiente

O JOSÉ DO CARMO SANTOS SILVA É um jovem que trabalhou como empregado de um ferro velho. Com o tempo resolveu trabalhar por conta própria e alargar o negócio ao papel, cartão e plástico. Rumou então à Suíça, onde juntou uns dinheiros nos trabalhos agrícolas sazonais, e voltou a Moura para se estabelecer como empresário em nome individual. Comprou um terreno com um pequeno armazém, um carro e deitou mãos à obra. Conseguiu contratos com algumas

indústrias que lhe vendem o material e a Câmara Municipal de Moura oferece-lhe todo o papel e cartão que recolhe.

O antigo patrão empresta-lhe a camioneta da caixa aberta para fazer os transportes de maior volume.

Neste momento, já alugou um espaço na zona industrial de Moura, com melhores condições de trabalho, aumentou de forma considerável o volume de angariação de cartão e de papel que

revende à Portucel Recicla, e tem entre mãos um negócio com a SPASA para lhe comprar os desperdícios. Desta forma, o José do Carmo já poderá vender os plásticos directamente ao transformador, que só os compra acima de um determinado volume - por enquanto apenas consegue entregá-los a um revendedor que, naturalmente, retém parte do preço de venda. O José do Carmo continua também a vender sucata, principalmente carros acidentados.

O negócio está a correr muito bem, prevendo-se que se assinar o contracto com a SPASA, o José do Carmo consiga em pouco tempo comprar a sua própria carrinha.

Em defesa do ambiente e do crescimento do seu negócio, o José do Carmo espera que a Câmara de Moura consiga convencer os comerciantes locais a colocarem os seus desperdícios de cartão num determinado local, onde possam ser facilmente removíveis. ▼ M.F.B.

**MICRO**  
**CRÉDITO**

**ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE DIREITO AO CRÉDITO**  
PROJECTO APOIADO PELO IIEFP - INSTITUTO DO EMPREGO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Contactos:

Rua Castilho, 61 - 2º Dt. 1250-068 Lisboa  
Telf.: 21. 386 36 99 — Fax 21. 386 52 78  
E-MAIL: andc@mail.telepac.pt